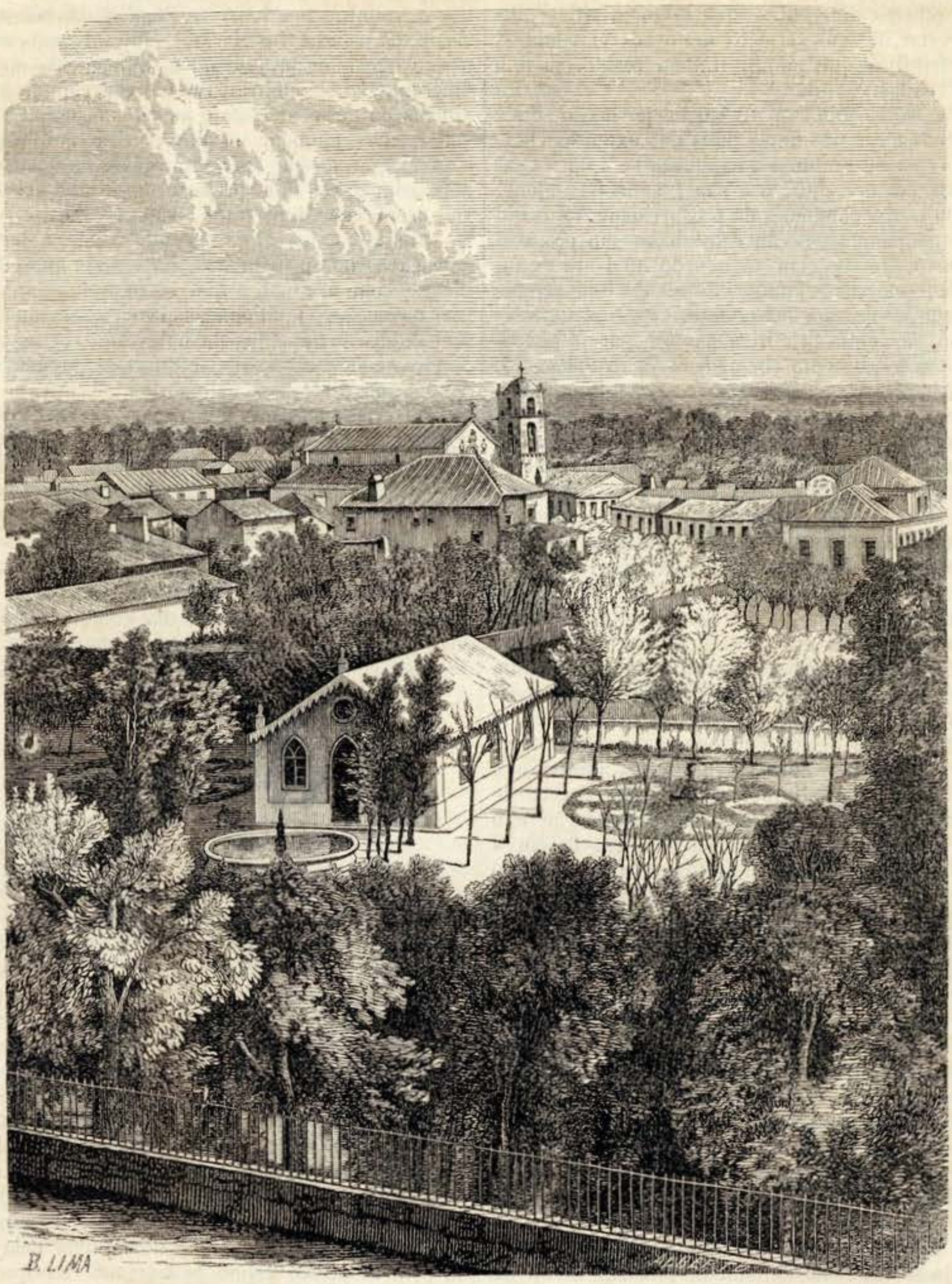


Villa da Gollegã

I

Em tempo de um dos nossos primeiros reis, uma mulher, natural da Galliza, que tinha vindo para Portugal, e residira por alguns annos em Santarem, foi estabelecer uma venda na estrada publica, quatro legoas acima d'aquella villa.

Essa estrada era a principal do reino, não pela sua boa e regular construcção, pois que n'essas eras deixava-se aos pés dos viandantes o cuidado de abrir e conservar os caminhos publicos, mas sim por ser a via que atravessava quasi todo o reino desde Lisboa até Braga. Por conseguinte, tinha bastante transito, e era aquelle logar, por esse motivo, e por não haver povoação alguma proxima, azado para o genero de commercio que a dita gallega alli foi estabelecer.

Os lucros, accumulados pela mais restricta economia, em breve habilitaram a dona da venda a substituir a humilde e tosca barraca, em que dera principio ao seu estabelecimento, por uma casa construida de pedra e cal, com capacidade bastante para uma loja mais bem provida, para habitação mais commoda da vendedeira e de pessoas que chamou para a ajudarem na sua labutação, e, finalmente, para agasalho e dormida dos passageiros. Um cerrado com sua horta e poço, uma espaçosa cavallariça e uma grande alpendrada completavam todas as condições então requeridas para uma boa estalagem.

A nomeada que adquiriu a *estalagem da gallega*, e a fama dos avultados proventos que dava a sua dona, eram motivos bastante fortes para lhe trazerem competidores. Não tardaram, pois, a apparecer novas vendas em torno d'aquella primeira.

Com o correr do tempo e affluencia dos passagei-

ros, que se iam habituando a fazer d'aquelle local ponto obrigado de parada e descanço, pouco a pouco se foram construindo novas casas para habitação de gente de officios differentes, que tambem alli acudiram a prestar os seus serviços tanto aos viandantes, como ás familias que já alli tinham residencia fixa nas suas vendas.

Assim se constituiu um nucleo de povoação, onde alguns annos atraz não havia mais que extensas charnecas cobertas de matto. Principiaram-se a agricultar os terrenos em derredor, e a sua grande fertilidade, offerecendo novas condições de prosperidade, foi causa de que a pequena povoação caminhasse em progressivo desenvolvimento, em virtude do qual alli se foram estabelecer varias familias abastadas e de sangue illustre, que se fizeram lavradoras.

O nome da venda primitiva passára para a povoação, que era geralmente chamada *A da Gallega*, como ainda hoje se chama *A dos Francos* a uma aldeia do districto administrativo de Lisboa, e assim a outros logares do reino. Com o volver dos seculos foi-se corrompendo aquelle nome até ficar no actual de *Gollegã*.

Dissemos acima que não se sabe o anno nem a epocha em que teve começo a venda da gallega, mas póde presumir-se da sua muita antiguidade, dizendo-se que no seculo XV já alli existia a povoação, e considerando que n'essas eras todo o progresso e desenvolvimento caminhavam mui lentamente.

Quando no reinado de D. João I, depois de firmada a independencia de Portugal nos campos de Aljubarrota, se consolidou a paz no reino, ao cabo das guerras que assolaram o paiz em todo o reinado antecedente, principiou o commercio interior a animar-se e desenvolver-se. D'este impulso não podia deixar de aproveitar-se a Gollegã, attenta a sua situação e o progressivo augmento da sua agricultura. Porém a epocha do seu maior engrandecimento foi o reinado del-rei D. Manuel. As repetidas visitas da familia real á villa de Almeirim, em tempos em que o soberano tinha uma corte mais numerosa e habitos de maior fausto que os seus antecessores, se traziam incommodos e carestia de generos ás terras em que a mesma corte se estabelecia, é certo que as povoações que demoravam cinco ou seis legoas em derredor lucravam muito com esses grandes centros de consumo, embora temporarios, que se creavam nas suas cercanias. A Gollegã apenas dista de Almeirim umas quatro legoas ou vinte kilometros.

As felicidades do referido reinado estenderam mais ou menos a sua benefica influencia a todo o reino. A transformação de Lisboa no grande emporio das especiarias e mais generos do Oriente, sendo causa de que o Tejo se visse constantemente povoado de navios e gentes de quasi todos os paizes da Europa, não sómente elevou o commercio da capital a subido grau de esplendor, mas tambem reanimou e deu salutar impulso á agricultura e commercio interno, sobre tudo das terras que, como a Gollegã, estavam em mais facil communicação com Lisboa.

O que é fóra de dúvida é que tanto cresceu e prosperou aquella povoação, que el-rei D. Manuel a julgou digna de lhe dar por matriz uma egreja de fundação régia, e tal como as costumava fundar o seu animo generoso e magnificente. Cremos que foi o mesmo soberano que lhe deu foral de villa com varios privilegios. Tambem suppomos que data d'essa epocha o seu brazão d'armas, em que está commemorada a origem da villa, segundo a lenda ou tradição popular. Consiste o dito brazão em um escudo, e no meio d'elle, em campo verde, que allude á fertilidade dos seus campos, a figura de uma mulher com uma infusa na mão, representando a fundadora da venda primitiva.

Seguindo as vicissitudes prosperas ou adversas da monarchia, a villa da Gollegã ora tem medrado, ora tem permanecido estacionaria. A nova estrada de Lisboa a Coimbra por Leiria e Pombal, aberta sob o governo da rainha D. Maria I, foi talvez o acontecimento que mais prejudicou a Gollegã, não só por dar differente curso ao transito entre a capital e as provincias do norte, deixando pouco concorrida a estrada velha, mas tambem porque não se curou mais da conservação d'esta, que em breves annos se arruinou, com gravissimo prejuizo das terras que confinavam com ella. Entretanto, valeram-lhe as excellentes condições do solo, obstando á decadencia que a ameaçava, ou, pelo menos, impedindo que ella caminhasse com a rapidez que se experimentou em outras povoações, infelicitadas pelo mesmo motivo, porém menos favorecidas da natureza.

A regeneração social por que tem passado o nosso paiz desde 1834 tem actuado beneficamente sobre a villa da Gollegã, apesar das discordias e luctas civis que por tantos annos agitaram, dividiram e enfraqueceram a nação. A liberdade da terra, que tão grande incremento deu á agricultura em todo o reino; e modernamente a construcção do caminho de ferro do norte, que tem uma estação proxima da Gollegã, tem collocado esta povoação em via de florescencia, o que bem se manifesta no augmento dos fogos, da população, da producção agricola, das commodidades e gozos, o que tudo significa augmento da riqueza publica.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A VISÃO DO TENENTE

I

A DESPEDIDA

Partíra no dia 27 de novembro de 1807 para o Brasil a esquadra anglo-portugueza, que levava a seu bordo o principe regente fugitivo, a pobre louca D. Maria I, o resto da familia real, uma grande porção da corte, e innumeros particulares que se esquivavam á invasão franceza de Junot, seguindo o exemplo desanimador dos seus soberanos, que foram então os primeiros na fuga, e que nem sequer chegaram a ser os ultimos no combate, porque ninguem póde ver um só descendente de D. João I nos campos de batalha onde se decidiam os destinos da monarchia. Fôra doloroso e pungitivo o quadro do embarque da familia real. A confusão e o terror pairavam com negras azas sobre essa vergonhosa scena. O povo, accumulado no caes de Belem, mal sabia se devia optar pela piedade ou pelo desprezo, vendo as lagrimas com que o principe regente se apartava da patria, e ouvindo os gritos furiosos da pobre rainha, que, n'uma crise de loucura, recusava embarcar, suppondo que tambem a conduziam ao patibulo de Luiz XVI. Era um patibulo, sim, porém mais vergonhoso do que o do filho de S. Luiz, porque n'elle se decapitava a honra da monarchia portugueza.

No dia 30 de novembro entrava em Lisboa um bando de homens esfarrapados, exhaustos de fadiga e de fome, quasi desarmados, e protegidos apenas pelo prestigio do nome de Napoleão. Eram as invenciveis phalanges que enxotavam do solo da patria os seus naturaes defensores. O povo contemplava estupefacto esses recrutas imberbes, que tinham atravessado o reino a passo de carga, e profanado o sacro territorio defendido outr'ora, pollegada a pollegada, contra os aguerridos terços de Filippe IV. Só vendo relampaguear no olhar audacioso de Junot o esplendor da coragem intrépida, só contemplando a fronte dominadora do antigo sargento de Toulon, queimada pelos soes da Italia,

do Egypto e da Palestina, podia perceber o successo d'esta marcha rapidissima. Era a audacia legitimada pela gloria que dava ao vôo altivo das aguias impetuosas a sua triumphal serenidade.

Desprezando a opinião dos conquistados, Junot, sem tomar as minimas precauções, correu logo á barra para ver se podia impedir de alguma fórma a fuga da familia real. Os navios sumiam-se já no horisonte, e as balas francezas foram-se apagar no sulco de espuma das suas quilhas. Junot resignou-se e principiou a organisar a conquista, entendendo-se para esse fim com o tremente conselho de governo deixado pelo principe D. João, e que se compunha do marquez de Abrantes, dos tenentes-generaes Francisco da Cunha Menezes e D. Francisco Xavier de Noronha, do principal Castro e de Pedro de Mello Breyner. A bandeira portugueza, arriada nos fortes e substituida pelo tricolor estandarte, a dissolução das milicias, a contribuição de guerra imposta ao reino, o emprestimo forçado exigido dos negociantes lisbonenses, vieram testimunhar brutalmente a humilhação a que a nossa patria descêra, humilhação apenas redimida pela solemne promessa que fez Junot de um Camões para cada provincia. Esses Camões haviam de ser fabricados em Paris, na manufactura de olarias poeticas, dirigida por Fontanes, Esménard e Luce de Lancival, os corypheus disciplinados da litteratura do imperio.

Em fevereiro de 1808, uma estranha medida veiu sobresaltar o animo dos portuguezes, e provar-lhes que teriam de sorver, trago a trago, o calice das humilhações. O exercito portuguez, que assistira, fremente de raiva, a essa inaudita invasão, devia ser dissolvido por decreto imperial, reorganisado n'uma legião escolhida, e enviado para as fileiras do grande exercito napoleonico. O general Junot, já então duque de Abrantes, mandou logo pôr em execução o decreto, encarregando d'esse trabalho os generaes portuguezes. Os doze regimentos de cavallaria existentes deviam ser reduzidos a tres, os vinte e quatro regimentos de infanteria a cinco, a legião de tropas ligeiras a um batalhão de caçadores a pé e um esquadrão de caçadores a cavallo. D'esta reducção foram encarregados os tenentes-generaes marquez de Alorna e Gomes Freire de Andrade, o marechal de campo D. Rodrigo de Lencastre, os brigadeiros Pamplona, D. José Carcome e João de Brito Mousinho, e o coronel Francisco Antonio Freire Pego. Operada a reducção, as reliquias dos differentes regimentos foram enviadas para differentes sitios, a fim de se condensarem nas suas novas unidades tacticas, e a legião ficou organisada da seguinte maneira:

Commandante em chefe, o marquez de Alorna; segundo commandante, Gomes Freire; chefe de estado-maior, general Manuel Ignacio Pamplona.

A legião formava duas divisões de infanteria e uma brigada de cavallaria. Commandava a 1.ª divisão D. José Carcome, tendo por chefe de estado-maior João Ribeiro de Sousa; commandava a 2.ª João de Brito Mousinho, tendo por chefe de estado-maior Manuel de Brito Mousinho. A brigada de cavallaria obedecia ás ordens de D. Manuel de Sousa.

Dos tres regimentos de cavallaria foram nomeados coroneis Roberto Ignacio Ferreira de Aguiar, Alvaro Xavier das Povoas e o marquez de Loulé; o esquadrão de caçadores a cavallo tinha por chefe José de Mello. Os cinco regimentos de infanteria tiveram por coroneis Joaquim de Saldanha e Albuquerque, marquez de Ponte de Lima, Francisco Antonio Freire Pego, conde de S. Miguel e Francisco Ferrari; o batalhão de caçadores a pé obedecia a Francisco Claudio Blanc.

E agora que já cumprimos a tarefa preliminar de pormos o leitor ao facto das circumstancias em que se trava a acção do romance, pedimos-lhe que nos acompanhe n'um passeio para o lado de Nossa Senhora da Luz, onde os restos dos regimentos 1, 4, 7 e 10 de cavallaria se estão refundindo n'um regimento novo, que ha de ser o primeiro das tropas montadas da legião.

Estava proximo a expirar um dos primeiros dias de março. No largo de Carnide, sitio d'onde se desfructa um amplo e suave horisonte, uma senhora joven ainda, pallida bastante, encostada ao braço de um joven cadete de cavallaria, contemplava o melancolico panorama que diante d'elles se desenrolava, illuminado pelos ultimos raios do sol poente. A brisa fria da tarde, conservando ainda o sôpro agreste do inverno, fazia estremecer a fragil creatura, que se agasalhava mais então na capa em que se envolvia, e comprimia uma tosse obstinada que lhe rasgava o peito.

— Menina, dizia-lhe com inquietação uma senhora edosa que se conservava um pouco afastada, são horas de nos recolhermos. Tua mãe não ha de gostar que estejas apanhando os regêlos da tarde.

— Descance, minha boa tia, respondeu a interpellada com um sorriso; não ha perigo em quanto o sol estiver no horisonte. Bem sabe que o sol é o calor e a vida. Este sol de Portugal, continuou ella insistindo com uma intenção secreta, meu Deus, quanto eu soffreria se me privassem d'elle!

— E, comtudo, sua tia tem razão, acudiu o cadete córando um pouco; o sol é ainda frouxo bastante, e não tem as propriedades vivificadoras que lhe attribue. Maria, cuidado com a sua tão melindrosa saude.

— Não é mortifera a brisa da patria, amigo, por mais agreste que sopre. O sol da nossa terra é sempre meigo e bom. Deus queira que sinta bem esta verdade, agora que vae ser privado d'elle por esses crueis inimigos que tudo nos roubam, ai! quantas vezes com jubilo dos roubados!

O cadete conservou-se silencioso.

— Não responde, Raphael? tornou ella dolorosamente. É pois verdadeira a minha apprehensão? Vae partir, vae deixar-nos, vae deixar a sua patria vilipendiada pelo estrangeiro, e só pensa na gloria que poderá adquirir debaixo de estranhos pendões! Ai! Raphael, como o desváiram os sonhos da ambição! Que vertigem fatal é esta que arrasta a Europa toda na esphera louca d'esse conquistador insaciavel? Arranca os filhos dos braços das mães, e os noivos de junto do leito das noivas moribundas, até n'este paiz que devia odial-o!

— Maria, Maria, por Deus não pense assim, por Deus não diga essas coisas dilacerantes! Não vê que se me parte o coração com a idéa de sair de Portugal deixando-a enferma, ainda que tenha a certeza de que a ha de reanimar, como a flor abatida, o sôpro da primavera? Mas que hei de fazer? Hei de abandonar as minhas bandeiras? Não hei de fazer todo o possivel para salvar a gloria portugueza, já que a independencia da patria é impossivel garantil-a? Não me sorrirão os seus olhos com mais amor quando eu voltar, coberto de gloria, d'essas luctas épicas, a que Portugal era ha tantos annos estranho? Não me desprezaria se eu fizesse o contrario do que faço, se eu merecesse, em vez da espada que cinjo, a roca ignobil que a aristocracia vendéana enviava aos fidalgos que não tomavam parte nas pelejas heroicas onde se defendia a realeza contra a republica triumphante?

Maria olhou para elle com profunda tristeza, e o seu pallido rosto mais pallido ainda se fez quando ella poisou a mão branca de cera e transparente no braço do mancebo.

— Não confundamos, disse a gentil senhora com um descórado sorriso; sabe que sou de uma logica implacavel. O que faziam os vendéanos? Batiam-se por um principio que elles julgavam santo e nobre,

e que effectivamente o era; defendiam as suas convicções, a sua bandeira, e tinham ainda a cavalheiresca honra de defender juntamente uma infeliz mulher e uma criança desgraçada. Ah! não julgue, Raphael, que eu sou incapaz de perceber essas grandes dedicações que fazem pulsar o coração dos homens. Erga-se ámanhã em Portugal o grito da independencia, e serei eu a primeira a cingir-lhe a espada e a dizer-lhe: «Vá, combata, morra pela causa santa da patria.» Longe estou de ser romana, mas sou portugueza, e portugueza educada nas tradições viris dos nossos antepassados cavalheirescos, d'aquelles que voavam ao combate com as charpas bordadas pela mão das esposas. Mas, Raphael, a guerra pela guerra! matar por matar, sem intenção definida, sem causa, apenas para conquistar isso que se chama gloria! Gloria! Como póde existir a gloria guerreira assim desacompanhada de tudo quanto a justifica! Gloria vã, gloria falsa, ensanguentada lentejoila!

Estava tão bella dizendo isto, a sua fronte resplendia com uma tão viva intelligencia, transparecia no seu olhar ardente uma convicção tão profunda, que o joven cadete, commovido, não póde fazer mais do que beijar-lhe a mão. Porém estremeceu ao sentil-a inteiriçar-se-lhe entre as suas, e, olhando para Maria, viu-a, prostrada pela reacção que á exaltação naturalmente se seguiu, curvar a fronte como um lyrio desmaiado. No sobresalto começou a chamar a tia, que veiu a correr, exclamando:

— Que imprudencia! Eu bem dizia...

Fôra um vágado apenas; a graciosa menina recuperou de prompto os sentidos, e, dando o braço ao cadete, dirigiu-se vagarosamente para casa.

Iam silenciosos; o sol desapparecêra já no horisonte, e no pallido azul do ceo começavam a palpitar as pallidas estrellas; os vagos murmurios do crepusculo espraiavam-se como um hymno religioso pela extensão dos campos. Era o mugido dos bois, o grito distante do pastor, o zumbir dos insectos, todas essas notas melancolicas que fluctuam no immenso teclado da creação n'essa hora mysteriosa. Como expressão mais sensivel d'essa melodia vaga, o toque das Ave-Marias vibrou, solemne e triste, no sininho da egreja campestre.

Maria, ouvindo bater Trindades, parou de subito, e levantando com a mão um pouco as fartas e negras tranças, que pareciam pesar-lhe na cabeça, fez parar o cadete, e disse-lhe com um tom de voz baixo e febril:

— Oiça! esta hora não se esquece; é a hora das saudades, é a hora da melancolia, e para quem vae deixar a patria, ainda que tenha o coração empedernido, deve ser por força uma hora de solemne tristeza. Quando estiver longe, bem longe de Portugal, e ouvir de subito bater Trindades n'alguma capellinha estrangeira, ha de estremecer de certo, e na memoria ingrata ha de se lhe avivar subitamente este quadro obliterado, este panorama vasto e melancolico, estas sombras esfumadas do crepusculo, estas estrellas de oiro fino, e todo este indefinivel perfume da patria, que n'esta hora rescende mais intenso do que nunca das campinas nataes. É possivel então que a minha imagem lhe surja tambem diante dos olhos pallida e triste. Dê-me uma lagrima, Raphael, porque já não existirei de certo, não terei sobrevivido ao seu esquecimento. Raphael, julga que é a primavera que me ha de dar vida? Ai! continuou ella com um triste sorriso, é a primavera, mas a primavera da alma: o amor! O amor, sim! O meu coração precisa de trasbordar, de casar com os magneticos effluvios que de outro coração namorado se exhalem o seu proprio magnetismo! Amei-o, Raphael, talvez porque o vi assim fraco, incerto, prompto a todas as commoções, harpa eólia vibrando a qualquer sôpro de amor ou de gloria, e liguei-me a essa natureza expansiva que tão cruelmente me castiga. Bem! agora parta; não o retenho nem o posso reter; mas lembre-se de uma coisa: no dia em que me olvidar, no dia em que se partirem violentamente estes laços sympathicos que ligam os nossos corações, lavrou-se, Raphael, a minha sentença de morte... Oh! nada me diga, continuou ella vendo que elle ia a fallar, nada me jure, bem sabe que adivinho, e, por mais distante que esteja, hei de sentir despedaçar-se a nossa corrente de amor. E se alguma vez ouvir bater Trindades, terminou ella com lagrimas na voz, lembre-se da patria, Raphael, e da noiva que matou.

A noite principiava a desdobrar o seu manto sobre as collinas e os valles; aos murmurios do crepusculo começava a succeder o fremente silencio nocturno, e as estrellas avivavam-se no azul escuro do ceo. O seu frouxo clarão banhava como que em luz etherea o vulto gracioso de Maria, dava-lhe á fronte pallida suaves reflexos, e desenhava-lhe vagamente as fórmas airosas do corpo. Havia n'ella um não sei quê de sobrenatural; lembrava uma visão prophetica, trazia á mente a imagem da Velleda de Chateaubriand, no meio do bosque sacro, com os negros cabellos cingidos da coroa de carvalho, austera, nobre e sublime. Ao longe o silencio nocturno quebrou-o a voz fresca de uma rapariga que voltava talvez da fonte cantando pelas azinhagas atapetadas de relva:

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome «saudade»;
eu sustento mãe e filha
bem contra minha vontade.

A canção veiu expirar, melancolica, no ouvido dos dois noivos. Casava-se tão bem com os sentimentos que lhes tumultuavam no peito, que as lagrimas, represadas por muito tempo, irromperam dos olhos do cadete, e inundaram, como chuva abençoada, as mãos febris de Maria.

Estavam proximos da casa, que ficava á beira do caminho. Um torcicollo da estrada escondêra-os momentaneamente das vistas da tia discreta que os acompanhava a distancia. Maria puxou para si o cadete n'um impeto de amor, e, poisando-lhe na testa os labios ardentes, disse-lhe:

— Chora, coração infantil, tão accessivel a todas as commoções, e que tão facilmente as esqueces. Por isso te amo, e por isso me has de matar, querido, querido noivo da minha alma.

— Oh! Maria, ainda n'isso pensas?

A voz dizia ao longe:

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome «saudade».

Maria sorriu-se tristemente, e dizendo-lhe: «Adeus! adeus para sempre!», fugiu para casa, deixando-o ficar no meio da estrada, immovel e soluçante.

. . . .

No dia seguinte os clarins do primeiro regimento de cavallaria da legião lusitana acordavam alegremente os echos da alvorada. O cadete Raphael, radiante de jubilo, domava com a mão fina e alva o ginete fogoso, e sacudia ufano os loiros anneis do cabello, preso no capacete do uniforme. Ao passar por diante das janellas de Maria, relanceou para ellas um olhar timido e como que envergonhado, mas as janellas estavam cerradas, e elle, depois de ir um instante pensativo, vendo que ficára muito atraz do seu esquadrão, metteu as esporas ao cavallo, e partiu, inebriado pelo galopar, pelos perfumes da madrugada e pela harmonia bellica dos clarins, a tomar o seu posto na fileira.

Por traz dos vidros do mirante do jardim Maria assistia com um amargo sorriso a esta scena muda, e seguiu com os olhos arrasados de agua o regimento até que se perdeu ao longe n'uma nuvem de poeira. Depois levou a mão ao coração como se uma dor aguda o traspassasse, sorriu-se de novo e murmurou:

Eu sustento mãe e filha
bem contra a minha vontade.

Estava pallida como uma defuncta; apanhou um malmequer, e dirigiu-se para casa desfolhando-o distrahida.

As bafagens do vento traziam, como um murmurio vago, as ultimas notas dos clarins estridulos.

O primeiro regimento de cavallaria partia para Salvaterra de Magos, d'onde devia marchar para França.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

THEATRO DE LOANDA

Tarde, e bem tarde por nosso mal, começou o governo a applicar a sua attenção e desvelos ao melhoramento das nossas possessões de além-mar. Mas como deixaria de succeder assim, se por longa serie de annos todas as forças vitaes da nação se gastavam esterilmente no embate das paixões, em meio das luctas civis? Como se queria que houvesse aqui olhos para velarem por tão longinquas provincias, intelligencias que descobrissem um remedio para os males d'ellas, braços que lhes dessem impulso e vigor; se os governos mal tinham tempo para se firmarem no poder; se eram quasi sempre obrigados a fechar os olhos para não verem as desgraças publicas, a que não podiam acudir; se a sua intelligencia, absorvida a todo o momento nas pugnas inglorias das rivalidades partidarias e dos odios pessoaes, lidava e cançava-se commummente em vão; em fim, se os seus braços lhe caíam inertes, por desfallecimento do animo, todas as vezes que encaravam o aspecto de ruina e de miseria que se ia estendendo por todo o reino, tomando de dia para dia proporções assustadoras?



Theatro de Loanda

Não se deve, pois, estranhar que, em taes circunstancias, as nossas provincias de Africa e Asia ficassem como que esquecidas da metropole, e d'ella abandonadas. É nossa convicção que quando se escrever com imparcialidade a historia da grande revolução social por que temos passado ha perto de cincoenta annos, não se lançará a responsabilidade d'aquelle quasi esquecimento e abandono sobre as diversas administrações que presidiram aos destinos do paiz durante as discordias que o dilaceraram.

Todos esses males que pesaram sobre Portugal e suas possessões são as consequencias das grandes revoluções sociaes. Ainda nenhuma nação logrou regenerar-se sem passar por esses duros sacrificios.

Felizmente, foram serenando os animos; e a tolerancia, transformando as facções em partidos politicos, e impellindo estes para o campo da legalidade, assegurou a paz e a ordem em bases solidas. Então raiou uma nova era para Portugal. A arvore da liberdade principiou a dar os seus fructos. O governo, desassombrado dos perigos das rebelliões, aproveitou o ensejo para promover os melhoramentos materiaes do paiz. A attenção publica voltou-se das estereis controversias politicas para as questões economicas, e d'est'arte prestou o seu apoio aos ministros, que se propozeram a dotar o paiz com boas estradas ordinarias, caminhos de ferro, etc.

Chegados a este ponto, pesaria desde então grave responsabilidade no governo se continuasse a descurar as nossas possessões ultramarinas.

Não é aqui logar proprio, nem temos intenção de examinar o que tem feito em beneficio d'essas possessões os diversos ministros que tem gerido a pasta da marinha e ultramar no periodo a que acima nos referimos. Não diremos, nem sabemos, se se tem feito tudo quanto era possivel para arrancar do torpor em que tem jazido e chamar á vida do progresso aquellas provincias, que a natureza tão liberalmente dotou. Mas dizemos, profundamente convencidos, que, attendendo ao extraordinario impulso dado no reino aos melhoramentos materiaes, e reflectindo nos grandes sacrificios que tem custado ao thesouro publico, muito

se tem feito n'estes ultimos tempos em favor d'aquellas possessões, principalmente das da Africa occidental, não obstante ser ainda fraco impulso em relação ás suas grandes necessidades.

Que essas provincias se acham em via de progresso, embora lento, é innegavel. Attestam-n'o o augmento da navegação e do commercio, e o desenvolvimento sempre crescente da agricultura. Se a metropole, em vez de recuar, proseguir com mais decidido empenho na protecção que principiou a dispensar-lhes, o modo por que ellas vão correspondendo aos beneficios recebidos é, certamente, um seguro penhor de que hão de recompensar com largueza quaesquer sacrificios que novamente se façam para as fecundar.

O theatro representado na gravura que adorna este numero, e o edificio do observatorio meteorologico, de construcção recente, revelam um passo no caminho do progresso. A fundação de um observatorio meteorologico, de architectura regular, e póde dizer-se nobre, como esse de que nos occuparemos em outra occasião, é para qualquer terra um documento de civilisação, ou, pelo menos, uma prova dos esforços que emprega para se civilisar e engrandecer. Porém, com referencia a Loanda, cidade africana ainda ha pouco tão decadente, é um verdadeiro padrão dos seus progressos.

Foi fundado o theatro de Loanda pela associação denominada «31 de Outubro», titulo que tomou em obsequio del-rei o sr. D. Luiz, cujo anniversario natalicio se celebra n'aquelle dia.

O edificio está bem acabado, e apresenta um aspecto agradavel e de certa grandeza. Está situado na espaçosa e arborisada *rua de Salvador Corrêa*.

A sala do espectaculo é esbelta e bem decorada. Consta de duas ordens de camarotes, e a platéa tem logares para 300 pessoas. O palco não é vasto, mas tem bastante capacidade para quaesquer peças que não sejam de grande espectaculo.

Têm um bello salão nobre, para o qual dão as janellas da frente do edificio. Logo depois da inauguração do theatro, instituiram-se n'este salão reuniões semanaes de familias. Ao principio foram muito concorridas, e passaram-se ahi noites agradavelmente; mas depois foi diminuindo a concurrencia, até que terminaram esses saraus, não obstante serem um dos raros passatempos da cidade.

Além d'aquelle salão tem outra sala muito espaçosa, onde se acham dois bilhares.

Uma sociedade de curiosos costuma dar n'este elegante theatro representações mensaes.

A nossa gravura é cópia de um desenho original feito pelo sr. A. de Lacerda, a pedido do sr. Eugenio Augusto de Andrade, tambem residente em Loanda, que obsequiou com elle a empreza do *Archivo*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FACTOS DO SECULO XV

1438-1449

I

A pedra do tumulo havia descido sobre o cadaver del-rei D. Duarte; o segundo athleta da dynastia de Aviz reclinára a cabeça sob as arcarias do templo, e procurára na morte o descanço para as fadigas do corpo e o balsamo para os soffrimentos do espirito (1438). A peste, renascendo como a hydra, assolava e devastava tudo; o infante-santo, soterrado entre as muralhas de Tanger, gemia, como escravo, debaixo do látego de Lazaraque; as prophecias desanimadoras de mestre Guedelha, o astrologo de mau agoiro, pareciam ter caído sobre este reino, que ainda mirava com orgulho os loiros verdes ceifados sobre as muralhas de Ceuta.

O reinado de D. Duarte havia sido curto e desgraçado; parece que uma estrella aziaga presidia aos destinos d'esse principe, tão sabio como justo. Havia elle, comtudo, no solo ainda agitado pelas convulsões da guerra, tentado encravar os ramos da administração sensata e da boa jurisprudencia. Os foraes dados pelos reis e senhores das terras, as leis e posturas antigas que existiam derramadas e semeadas pelo reino, tudo isso fôra condensado n'um corpo de ordenações geraes e uniformes; a moeda havia sido regulada em qualidade e valor; as demasias do luxo tinham um freio na pragmatica; as rendas do estado começavam a tomar o verdadeiro curso; e o rei, sendo o primeiro a seguir a recta que se traçára, mostrava o convencimento profundo com que muitas vezes dizia, que os vicios do povo se derivam do mau exemplo dos grandes, e que com o bom exemplo se podem emendar.

Estes primeiros esforços para uma organisação prudente e assisada não os póde elle levar a cabo; as redeas, caíndo-lhe das mãos desfallecidas, foram parar nas da rainha D. Leonor, e o povo, fazendo reparo em ser ella mulher e estrangeira, começou a manifestar o desgosto que lhe causava similhante tutela.

Foi então que a rainha viuva, sentindo a necessidade de buscar na corte alguem que lhe servisse de arrimo seguro, lançou o olhar para o infante D. Pedro, principe em quem sobravam os mais elevados dotes. Para dar a este apoio solidas raizes, persuadiu ao infante que el-rei havia declarado ser sua vontade que o herdeiro da coroa lhe desposasse a filha; e assim, apertando os laços, ganhou-lhe o braço e o conselho.

Entretanto ajuntaram-se as cortes em Torres Novas, para onde a rainha as convocára, e deliberando que a ella só ficaria o cuidado da educação del-rei, seu filho, com a administração das rendas e datas dos officios, deram ao duque de Coimbra o governo das coisas da guerra, ao marquez de Villa Viçosa incumbiram os negocios da justiça, e resolveram que o conde de Athouguia fosse aio del-rei [1].

As consequencias d'esta decisão inesperada são faceis de calcular: o animo da rainha agastou-se, o seu coração de mulher não soube refrear o resentimento, aquella que por algum tempo fôra o alvo das louvaminhas palacianas e dos requebros cortezãos não póde occultar no silencio a mágoa que lhe causava tão desabrida repulsa. Une-se com o conde de Barcellos, filho natural de D. João I, e tenta levantar um bando de parciaes; as cortes, para atalharem successos a que este procedimento poderia dar origem, declararam a D. Pedro regente do reino e entregaram-lhe o leme do estado (1439).

Não proseguiremos agora sem primeiro traçarmos em rapidos lineamentos aquella parte da vida do infante que precede a sua exaltação ao poder. É ella tão variada, e, diremos mais, tão aventurosa, que seria culpa imperdoavel pôr só em boa luz a historia da sua governação, e deixar na sombra a que deu á sua physionomia uns longes de tintura legendar [2].

O infante D. Pedro, duque de Coimbra, senhor de Montemór-o-velho, e de Aveiro, Tentugal, Cernache, Pereira e Condeixa, nasceu em Lisboa a 9 de dezembro de 1392, e foi o quarto filho de D. João I e de D. Filippa de Lencastre.

Bom de natural, e de uma intelligencia azada para a cultura, mostrou ainda em annos verdes o que a educação e a experiencia poderiam fazer d'elle. As luctas pacificas do entendimento não eram, comtudo,

[1] *Chronica de D. Affonso V*, por Rui de Pina, Faria e Sousa, etc.
[2] Vid. *Auto das sete partidas do infante D. Pedro.*

as unicas a que um cavalleiro do seculo XV tinha de se entregar abertamente; tratava-se de dilatar o imperio, e as espadas reaes eram as primeiras que costumavam abrir caminho por entre as fileiras inimigas. As musas esvoaçavam timidamente sobre os campos onde os esquadrões rolavam como bulcões ennovelados, e mais de uma d'ellas teria de depor talvez a lyra orvalhada pelas lagrimas da ternura, para afivelar o arnez e sopesar a lança, levantando pregão contra os infieis.

Deu-se a conquista de Ceuta (1415), e o infante, que fôra por general dos navios de alto bordo, tirou d'ahi não pequeno quinhão de gloria. Seu pae o armou cavalleiro logo depois do infante D. Duarte, e o fez duque de Coimbra. É depois de ter dado n'este feito de armas mostras de valor egual ao sangue que principia a historia das suas peregrinações. Apertavam-n'o as ancias de renome, e o desejo de se immortalisar não lhe concedia remanso. Enlevava-se todo nas ambições da fama, queria soltar a vela aos sôpros d'essa aura popular, como lhe chama o grande épico, aura que tem impellido ás maiores alturas os que, sem esse incentivo poderoso, ficariam proejando sempre contra as baixas mundanidades.

Obtida a licença do rei, saiu da patria no anno de 1424; visitou Jerusalem, e esteve na corte do grão-turco e na casa do soldão de Babylonia, onde foi acolhido com todas as demonstrações de respeito; d'ahi voltou a Roma, onde o papa Martinho V lhe concedeu as honras devidas á sua alta gerarchia e á eminencia do seu caracter. Foi por instancia sua que se passou a bulla que começa: *Venit ad præsentiam nostram* (1428), para serem os reis de Portugal ungidos na sua coroação, como os de França e Inglaterra, e poderem os infantes reger o reino, como filhos primogenitos, e haver coroa de rei.

Não era este, todavia, o limite das suas aspirações; a phantasia desenhava-lhe quadros mais amplos, os horisontes que entrevíra eram mais rasgados e alterosos.

Parte para Allemanha e ajuda o imperador Segismundo na guerra contra os turcos; não menos assignalados serviços presta na da Italia contra os venezianos; os louvores circundam-n'o, o applauso é unanime, os sonhos da sua imaginação tomam corpo, são realidades palpaveis.

Ao seu nome enlaça-se o da nação, os seus primores de galhardia deitam um raio esplendido sobre este canto do Occidente, a lamina temperada no sangue africano dardeja entre o ferro de milhares de combatentes. Este ninho de aguias abriu-se para deixar erguer o vôo a um dos seus filhos, e elle lá virá um dia de longe, das pugnas gloriosas, dos certames bellicos, das correrias bizarras, do cabo do mundo, como diz a lenda, trazendo na garra o tronco do aloendro, do loireiro-rosa, que se ha de juntar a tantos outros loiros, sobre os quaes o velho Portugal esconde hoje a sua cabeça desfeita e desalentada.

Passou-se depois o infante á corte de Inglaterra, que muito buscava ver como patria da rainha sua mãe, e n'ella foi acceito com muitas benevolencias e estimações por Henrique VI, seu sobrinho, de quem recebeu a ordem da Jarreteira; D. João II de Castella acolheu-o com egual estima, e da mesma sorte os reis de Navarra e Aragão. Em 1428 recolheu-se a Portugal [1], e, satisfeito de uma jornada tão longa e na qual saciára as justas sofreguidões da sua alma, tomou o descanço a que tinham direito quatro annos de uma existencia afadigada. N'esse mesmo anno casou com D. Isabel, filha primeira de D. Jaime II, conde de Urgel, na Catalunha, e da infanta D. Isabel, filha de D. Pedro IV, rei de Aragão. Teve tres filhos e tres filhas: D. Pedro, condestavel de Portugal, D. João, duque de Coimbra, D. Jaime, arcebispo de Lisboa e cardeal, D. Isabel, mulher de D. Affonso V, D. Brites, que casou em Flandres com Adolpho de Cleves, senhor de Revestein, e D. Filippa de Lencastre, que viveu e morreu recolhida no mosteiro de Odivelas.

Eis em breve epitome a primeira quadra do infante D. Pedro. Não comportava a indole d'este escripto o darmos proporções mais alentadas a esta parte da sua biographia; expozémos, apenas succintamente, o que elle fez e o que elle foi antes de tomar sobre si o peso d'esse madeiro da governação, madeiro em que mais tarde o veremos ser crucificado por mãos dos proprios que em vida lhe queriam levantar estatua. Assim é o povo, e assim foi sempre. Os idolos de hoje cairão ámanhã derrubados, e a onda popular leval-os-ha na resaca furiosa; o que era sceptro dominador, cajado com que se pastoreavam as turbas, transformar-se-ha em canna de opprobrio, e os bacirrabos da prosperidade virão puxar pela corda da tortura ao que já não tem tres mealhas na escarcella para lhes deitar no regaço. Não divaguemos, porém; deixámos o infante na sua volta a Portugal, e iremos atar o fio do discurso ao tempo em que as cortes o nomearam regente e defensor. Entre um e outro ponto medeiam dez annos de vida que pouco pertencem á historia. Indicado o papel que pertence ao infante na infeliz jornada de Tanger, entraremos no periodo da sua regencia, que o define como caracter politico, e terminaremos esta noticia memorando-o como escriptor.

(Continúa)

E. A. VIDAL.

[1] Azurara — *Chronica do conde D. Pedro.*

O CANTO DA LAMIA

(LENDA VASCONÇA DE TRUEBA)

I

A' ex.ma sr.a D. Florentina Camaleuho de Sant'Anna

Minha senhora. — A v. exc., que é muito affeiçoada á nobre terra vasconça, cujos singelos costumes estão em harmonia com a singeleza do seu trato, de seus gostos e do seu coração; a v. exc., que me honra, e honra a minha familia e os meus humildes escriptos com a sua estima; a v. exc., em cujos olhos sempre ha lagrimas para todos os infortunios, e em cujo coração sempre ha indulgencia para todas as faltas; a v. exc., em quem admirei sempre o modelo das boas filhas, das boas esposas e das boas mães; a v. exc. vou referir, singela e chãmente, a lenda do amor e das angustias de uma infeliz mãe, que pude saber n'estas verdes e pacificas margens do Ibaizabal.

II

Corria o primeiro terço do seculo XVII. Então os declives dos montes que se erguem das orlas do nosso valle estavam cobertos de espessos e frondosos arvoredos, que foram desapparecendo durante a ultima guerra civil, e principalmente depois da guerra, por causa do incremento que tomou a construcção naval nos estaleiros de Zorrosa, Duesto, Salve e Ripa.

Quando era menino, dilatavam-se formosos bosques de castanheiros e carvalhos pelas faldas meridionaes de Archanda e Berriz, que hoje estão quasi despidas de vegetação, e tambem pelo fundo do valle, onde, Deus louvado! substituiram os antigos arvoredos por aformoseamentos não menos bellos e muito mais uteis, quaes são multidão de bellas quintas, casas, jardins, hortas e estabelecimentos fabris.

Na falda meridional do monte Berriz, em bosque de frondosos castanheiros, havia, no primeiro terço do seculo XVII, uma casa rodeada de algumas geiras de terra de lavoira. Aquella casa e a felicidade de seus moradores inspirou, sem dúvida, ao povo uma *can-*

tiga, que ouvi por primeira vez n'aquelles vergeis, e mal traduzida diz:

> Ter herdade em bello campo,
> e uma casa na herdade,
> e na casa pão e amor,
> é grande felicidade!

Eram, com effeito, muito felizes Martinho e Prudencia, que assim se chamavam os moradores de Aurrecoechea. O seu amor teve principio na santa occupação do trabalho.

Prudencia vivia na casa de Aurrecoechea, cujas geiras tinha que lavrar para sustentar-se a si propria e para sustentar sua mãe, que era a sua unica familia e estava impossibilitada para o trabalho.

Em outra casa proxima vivia Martinho, que tambem tinha que lavrar com os proprios braços a fazenda paterna, unico recurso com que contavam elle e seus paes, que eram edosos e não podiam já trabalhar.

Certos trabalhos do lavrador biscaynho, taes como o da cava, reclamam a união de forças de duas ou mais pessoas. Assim é que nunca se vê uma mulher só a cavar, porque o lavrador que não tem na familia quem o ajude em tão rude trabalho, e carece de meios para pagar salarios, cava *por troca* com aquelle de seus visinhos que se acha nas mesmas circunstancias, isto é, que se reunem e alternam cavando um dia nas herdades de um e outro dia nas herdades de outro.

Quando chegava a estação da cava, que é aquella em que principiam o ceo a vestir-se de azul, os passaros a cantar nas arvores e as flores a brotar nas orlas das estradas, Martinho e Prudencia reuniam-se para cavar por troca, e n'aquella occupação, que não me peza qualificar de santa, porque trabalho santo é o do que rega a terra com o suor da fronte para que brote o sustento da familia, n'aquella occupação nasceu e se fortaleceu o purissimo e ardente amor dos dois honrados e formosos jovens.

É mais facil comprehender que explicar o suave encanto que teria para elles o trabalho a que se entregavam juntos, amando-se ao mesmo tempo em extremo.

Ambos perderam quasi na mesma epocha seus paes, e a ambos pareceu então haverem ficado sós no mundo; mas quando Prudencia via Martinho na sua casa, e Martinho via Prudencia na casa d'elle, sorria a ambos a esperança, e ambos deixavam de julgar-se no mundo sós.

Em uma formosa manhã de primavera, Prudencia saíu de sua casa ao mesmo tempo que Martinho saía da casa d'elle, e, reunindo-se na encosta, desceram juntos á planicie e entraram na egreja de S. Pedro de Deustua. Uma hora depois subiam a encosta dando-se carinhosamente o braço, e, em vez de separar-se alli para se dirigirem cada um a sua casa, dirigiram-se juntos para a de Prudencia, porque era certo que o amor e a religião tinham feito bens communs de Martinho e Prudencia as duas herdades.

Dois annos viveram Martinho e Prudencia pobres de bens, mas ricos de amor e felicidade, e foi então quando, sem dúvida, algum versejador das alturas de Goyerry ou dos plainos de Olaveaga compoz a *cantiga* vasconça que traduzi.

Mas, como n'este mundo nunca é completa a felicidade, tambem não o era a de Martinho e Prudencia, porque muitas vezes, quando em Aurrecoechea se ouviam os sinos de Santa Maria de Begonha, dizia Martinho:

— Havemos de mandar dizer uma missa á Virgem, para que o Senhor nos dê, por sua intercessão, o que nos falta para a completa alegria d'esta casa.

— Sim, sim, respondia Prudencia incendendo-se-lhe o rosto de rubor e alegria.

O que Martinho e Prudencia julgavam fazer-lhes falta era um filho.

III

Martinho e Prudencia estavam loucos de alegria porque no seio da joven esposa se alentava o ente por ambos tão desejado; mas aquella alegria durou muito pouco. Uma tarde do outono estavam ambos no castanhal, Martinho subido em um altissimo castanheiro, cujos ramos açoitava com uma comprida vara, e Prudencia recolhendo em um cesto os ouriços que Martinho derribava, ouriços que mostravam, rebentando de orgulho, o loiro fructo do seu seio, como Prudencia esperava dentro em pouco mostrar o fructo querido de suas entranhas. De repente ouviu-se um prolongado estalido no castanheiro onde estava Martinho, e este caíu no solo dando um grito de espanto, ao qual seguiu outro de Prudencia. Correu esta afflicta em auxilio do esposo, e atroou o castanhal reclamando o soccorro dos visinhos, que correram apressados em dar-lh'o; mas tudo foi inutil: Martinho, de cuja queda era causa o ter-se quebrado o ramo em que se apoiava, deixára de existir!

Na grandeza da sua dor, Prudencia ouviu os sinos de Begonha, que tocavam casualmente a finados, e, pediu á Virgem que intercedesse com o Senhor para que a alliviasse do triste peso da vida; mas, lembrando-se do fructo do seu abençoado amor, arrependeu-se immediatamente d'aquelle impeto de desesperação e exclamou:

— Não, não escutes a minha súpplica, meu Deus: careço da vida para dedical-a á innocentinha creatura que se agita nas minhas entranhas!

Dois mezes depois Prudencia deu á luz um formoso menino, que veiu ao mundo causando a sua mãe, por espaço de muitos dias, dores tão acerbas, que apenas se comprehende como póde resistir-lhes a natureza humana.

Dizem que ha regiões onde as mulheres dão á luz e criam os filhos quasi sem dor, e que isto é devido ao pouco amor que em taes regiões as mães tem aos filhos. Se é verdade que o amor das mães guarda proporção com as dores maternaes, o amor de Prudencia a seu filho devia de ser immenso.

Oito annos contava já Ignacio (este era o nome que tinha o filho de Prudencia), e havia oito annos que a vida de sua pobre mãe se tornára uma cadeia não interrompida de angustias e sacrificios para conservar a existencia d'aquella creatura, que nascêra vacillando entre a vida e a morte, e por fim triumphára d'esta pelos cuidados maternaes.

— Espanta considerar o que esse filho te custou! dizia a Prudencia a piedosa ermitã de S. Bartholomeu de Bérriz. Se ha filho no mundo que esteja obrigado a querer a sua mãe, de certo é o teu.

Ouvindo isto, a pobre Prudencia não podia conter as lagrimas. Era porque seu filho não lhe queria tanto quanto estavam reclamando o seu amor e os seus sacrificios? Assim era.

São poucas as mães que não tem direito de chamar ingratos aos filhos! São poucos os filhos que, depois de terem perdido sua mãe, não sentem no fundo do coração o remorso de não havel-a amado tanto quanto merecia!

Ignacio parecia olhar com indifferença o amor e a terna solicitude de sua mãe, á qual tratava com desapego, que, se na irreflexiva edade de oito annos não era culpavel, quando menos fazia receiar que a ingratidão e a frieza do coração fossem sempre a moeda com que o filho de Prudencia pagasse a esta desventurada o seu amor e os seus sacrificios maternaes.

(Continúa)